

Tightrope Walker (Andando na corda bamba), 1924, por Everett Shinn (1876-1953).

A arte de não machucar

DRA. VICTÓRIA AMPESSAN DAMAS



Na rotina, é fácil perder a noção de como nossas ações realmente impactam a vida dos outros. Assim como nossa vida é impactada pelos demais.

Como seres complexos, é como se tudo em nós tivesse camadas, níveis de conhecimento, a maioria quase inacessível ao público e a nós mesmos. Não entendemos completamente porque nos comportamos e pensamos de uma determinada forma. São tantas variáveis... Se não nos conhecemos tão bem, imagine conhecer e entender quem está à nossa volta.

Isso influencia nossa capacidade de empatia e como lidamos com as mais variadas situações. Na profissão médica, com intenso contato humano, a incompreensão do porquê agimos como agimos é um inimigo silencioso. O médico que não desenvolve empatia com a doença, realidade ou modo de viver de um paciente. No exterior, parece um profissional sem sentimentos, grosseiro. Difícil ver além, como uma luta sincera desse profissional em tentar achar empatia, apesar de todas as memórias e vivências que o impedem de ir além. E sua cegueira em ver como uma frase ou uma ação impacta o outro.

O mesmo com um paciente que se acha no direito de ser mal-educado e te rotular como um mau médico. Mas no fundo está com medo e precisa de um bode expiatório para suas inseguranças, frustrações e tristezas. A família inconformada. O colega que não concorda com você e se acha no direito de criticar sua forma de trabalhar e de viver. Porque opinião deve ser sempre encarada como construtiva, não é mesmo?

Os julgamentos que você talvez ouça da família e dos amigos. E nem sempre vão perceber como aquilo te afeta; não é tão difícil e nem tão fácil perceber. A vida não é um filme que te esclarece na sinopse quem é quem, os aliados, os inimigos e os objetivos. Quem dera fosse simples. E quanto às duras críticas que nós fazemos dos outros e suas decisões? Os julgamentos. As brigas.

Somos humanos, afinal. Nosso diferencial, ainda mais numa profissão tão... Humana. Nossa qualidade e, em última análise, também nosso defeito.

É como se a vida fosse andar por uma corda bamba: cheia de incertezas, desequilíbrio, desafios, sem saber por quanto tempo vai aguentar, se sobreviverá a uma que-

da, se chegará até o fim... E nós – como equilibristas – temos que levar conosco nossa personalidade, vivências, sentimentos dicotômicos, cultura, percepção do mundo e como acreditamos que o mundo nos vê.

A dificuldade do equilíbrio na caminhada varia tanto que pode parecer insuportável, dependendo de como o mundo está nos vendo ou, pior, como nós estamos nos vendo.

Podemos pensar sobre fatos menos óbvios e alguns bem simples. A mera recusa de desejar parabéns a alguém se não recebeu uma mensagem em seu próprio aniversário. Ou deixar de dar bom dia porque nunca é recíproco. Muitas dessas decisões tomamos diariamente e não necessariamente estão erradas; não se trata de certo ou errado. Apenas uma reflexão um pouco mais profunda.

Essas escolhas que fazemos como resposta ao ambiente não deixam de ser, de alguma forma, uma tentativa de autopreservação. São essas experiências sem equilíbrio que nos provam como podemos cair feio. Não podemos nos importar com quem não se importa conosco, não é? Para quê dar uma colher de chá se eu não tenho? Se funciona comigo, tem que funcionar com todos.

Machucar os outros é tão certo quanto se machucar na vida, infelizmente. Apesar de nossas boas intenções esculpidas no juramento de Hipócrates. Isso vai além da nossa profissão e vontade. Somos humanos e vulneráveis. Até tentando nos defender das contusões, acabamos batendo nos outros.

Diria que é impraticável viver sem machucar ninguém no percurso, seja com decisões imperceptíveis aos nossos olhos, como descrença, indiferença, cansaço. Porém, o real valor de se equilibrar no percurso é se esforçar ao máximo para ferir o menos possível quem está à sua volta. E prestar atenção nessa meta, pela nossa humanidade e apesar dela.

Você não tem a menor ideia do que o outro está passando. E ninguém tem real ideia de como você se sente. Eu vou errar muito, todos os dias. E irão errar comigo. São tristes certezas da vida. Que essa convicção não nos desanime, apenas abra nossos olhos para algo maior. Podemos não evitar os desgastes, eventuais embates e desentendimentos, mas quem sabe iluminar o que realmente está escondido, além da superfície.

E assim se vai mais um dia nessa corda bamba. **!**